



BIANCA CAMARGO MARTINS  
(ORGANIZADORA)

# O ESSENCIAL DA ARQUITETURA E URBANISMO 4

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Bianca Camargo Martins  
(Organizadora)

# O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 4

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Rafael Sandrini Filho  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E78	<p>O essencial da arquitetura e urbanismo 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa (SP): Atena Editora, 2019. – (O Essencial da Arquitetura e Urbanismo; v. 4)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-707-9 DOI 10.22533/at.ed.079191510</p> <p>1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins, Bianca Camargo. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 720</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

“A obra de arquitectura concretiza a síntese entre o pensamento do arquitecto (ainda que abstrato ideológico) e a realidade. Uma realidade que é antes de mais a condição geográfica: a arquitectura transforma uma condição de natureza numa condição de cultura. Esta transformação modifica um equilíbrio espacial existente num novo equilíbrio. O encontro entre o mundo ideológico do pensamento, o mundo abstrato do desenho e o mundo da realidade é também encontro com uma situação histórica, com uma entidade cultural, com uma memória da qual o território está impregnado e que, julgo, a arquitectura deve reler e repropor através de novas interpretações, como testemunho das aspirações, das tensões, das vontades de mudança no nosso tempo”.

Mário Botta, 1996.

A prática da Arquitectura e do Urbanismo está em constante evolução. A atualização da relação entre arte, técnica e mercado deve se dar não apenas com ênfase na prática profissional, mas deve ocorrer também para aproximar os profissionais dos problemas habitacionais, urbanos e sociais da população.

As ideias desenvolvidas na presente edição do livro “O Essencial da Arquitectura e Urbanismo” reafirmam a importância da discussão e da consolidação do espaço de trabalho do arquiteto e urbanista enquanto profissional capaz de transformar espaços, edifícios e cidades.

A Atena Editora reafirma seu compromisso na divulgação científica ao oferecer a publicação de pesquisas de grande relevância desenvolvidas nas mais diversas instituições de ensino superior, sejam elas particulares ou públicas, distribuídas entre vários estados do país.

Convido você a aperfeiçoar seus conhecimentos e refletir com os temas aqui abordados. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
UM OLHAR SOBRE AS FORMAS DE ENSINAR A DISCIPLINA DE PROJETO	
Vanderlei Rotelli	
DOI 10.22533/at.ed.0791915101	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
O ANTIGO NO CONTEMPORÂNEO: TRANSFORMAÇÕES ARQUITETÔNICAS NA CHINA E O CASO DO CONJUNTO HABITACIONAL PARA AGRICULTORES NA VILA DE DONGZIGUAN (DISTRITO DE FUYANG)	
Brenda Mesquita de Araújo	
Beatriz de Jesus Bessa Fernandes	
Leonardo Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0791915102	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>45</b>
RELEVÂNCIA CULTURAL DA MODERNIDADE NA VIRADA DO SÉCULO XXI NA ARQUITETURA BRASILEIRA	
Samir Set El Banate	
Manoel Lemes Silva Neto	
Julia Naves Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.0791915103	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>57</b>
A ARQUITETURA RELIGIOSA MODERNA NO BRASIL	
Ana Paula Borghi de Avelar	
Luíz Carlos de Laurentiz	
DOI 10.22533/at.ed.0791915104	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>70</b>
CENTRO PARA CULTURA UNDERGROUND	
Daniel Conforte da Silva Lemos	
Ernani Simplício Machado	
Mauro Santoro Campello	
DOI 10.22533/at.ed.0791915105	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>82</b>
PROJETO 'GIGANTE PARA SEMPRE': ANÁLISE DE UM GRANDE PROJETO URBANO DA COPA DO MUNDO DE 2014	
Silvana Kaster Tavares	
Andréa Magalhães Viana	
Fábio Bortoli	
DOI 10.22533/at.ed.0791915106	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>93</b>
O CENÁRIO ATUAL DAS EDIFICAÇÕES DO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS: O SOLAR BARÃO DE GRAJAÚ, ANTIGO MUSEU DE ARTE SACRA	
Maria Paula Fernandes Velten Pereira	
Ingrid Rayssa dos Santos Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.0791915107	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>104</b>
IDENTIFICAÇÃO DO VALOR CULTURAL QUE UMA EDIFICAÇÃO PROJETA SOBRE A SOCIEDADE: O CASO DA CAPELA RIBEIRA EM SERGIPE/BR	
Eder Donizeti da Silva Adriana Dantas Nogueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0791915108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>120</b>
CELEBRAR A CIDADE:IMAGENS E DISCURSOS SOBRE A CIDADE DE GUARAPUAVA-PR (1960- 1990)	
Michel Kobelinski	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0791915109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>136</b>
AVALIAÇÃO DA REQUALIFICAÇÃO E DO PADRÃO DE QUALIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO NA RUA OSCAR FREIRE EM SÃO PAULO	
Ana Maria Sala Minucci Roberto Righi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>147</b>
CONCEITOS SOBRE PRÁTICAS SOCIAIS E TRANSFORMAÇÕES URBANAS NA RUA OSCAR FREIRE, SÃO PAULO	
Ana Maria Sala Minucci Roberto Righi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>159</b>
RIO E CIDADE: O DESENHO URBANO ENTRELAÇADO COM A NATUREZA	
Claudine Machado Badalotti Marciano Balbinot	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>169</b>
ANÁLISE DA ARBORIZAÇÃO URBANA NA ÁREA CENTRAL DO MUNICÍPIO DE QUIXADÁ	
Flavia Pinheiro de Alencar Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151013</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>182</b>
MOBILIDADE URBANA EM ERECHIM-RS: ANÁLISE DE VIABILIDADE DE CICLOVIA NO BAIRRO CENTRO	
Natália Moretto Basso Daiane Cláudia Biasi Miranda Bianca do Amaral Esmelindro Mariele Zawierucka Bressan	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151014</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>191</b>
O SONHO DA CASA PRÓPRIA: UM LUGAR PARA CHAMAR DE MEU	
Fernanda Joyce Ferreira Barroso	
Rose-France de Farias Panet	
Luiz Phelipe de Carvalho Castro Andrès	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151015</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>200</b>
ESTRATÉGIAS BIOCLIMÁTICAS URBANAS: UMA APLICAÇÃO PARA CIDADE DE CLIMA TROPICAL	
Fernanda Miguel Franco	
Arthur Guilherme Schirmbeck Chaves	
Marta Cristina de Jesus Albuquerque Nogueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151016</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>212</b>
REGENERAÇÃO DA PAISAGEM: O “ELEMENTO NATUREZA” NA EDIFICAÇÃO DAS CIDADES	
Carolina Caldas Barducci	
Dalva Olívia Azambuja Ferrari	
Lucas Farinelli Pantaleão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151017</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>225</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>226</b>

## IDENTIFICAÇÃO DO VALOR CULTURAL QUE UMA EDIFICAÇÃO PROJETA SOBRE A SOCIEDADE: O CASO DA CAPELA RIBEIRA EM SERGIPE/BR

### **Eder Donizeti da Silva**

Universidade Federal de Sergipe. Arquitetura e Urbanismo

Rua Samuel de Oliveira, s/n. Laranjeiras/SE  
eder@infonet.com.br

### **Adriana Dantas Nogueira**

Universidade Federal de Sergipe. Departamento de Artes e Design

Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos. São Cristóvão/SE  
adnogueira@gmail.com

**RESUMO:** A reconstrução do que não mais existe sempre se dá de forma complexa baseando-se numa operação intelectual, na qual as partes incompletas do objeto se tornam tão importantes como as partes que ainda nele são observáveis. Neste exercício de identificação do valor cultural que uma edificação projeta sobre a sociedade: o caso da Capela Ribeira em Sergipe/BR, estudo realizado como perícia técnica para a Justiça Federal, nota-se que a determinação patrimonial não se dá apenas pela simples observação, mas também num jogo comparativo de memórias, de objetos portadores de juízos estéticos e históricos reconhecíveis como de importância à identidade de uma cultura. O estudo oferece três sentidos ao entendimento do que poderia projetar potencialidade patrimonial: o seu valor material

(aspecto focal de mais valia buscado pelos proponentes da ação), o simbólico (que não deixa de estar associado ao material, mas que pode adentrar a outros meios perceptivos, como no caso, uma edificação que fazia parte de um sistema de vida econômico definido por cultura açucareira no Nordeste brasileiro) e o funcional (que transcende, em alguns momentos, a função tradicional de local de rituais religiosos da antiga família e de descanso da alma ou lugar santo de propriedade particular).

**PALAVRAS-CHAVE:** Juízo; Memória; Patrimônio.

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

A reconstrução do que não mais existe sempre se dá de forma complexa baseando-se numa operação intelectual na qual as partes incompletas do objeto se tornam tão importantes como as partes que ainda nele são observáveis, neste exercício de relativização dos valores aprofunda-se a definição do que se pode chamar verdade, pois não se dá apenas pela simples observação, mas também num jogo comparativo de memórias, de objetos portadores de juízos estéticos e históricos reconhecíveis como de importância a identidade de uma cultura material local, regional e nacional, da compreensão de pequenos

detalhes compositivos e reconhecíveis no objeto.

O objeto, em sendo uma edificação – Capela Rural da Fazenda Ribeira - oferece três sentidos ao entendimento do que pode oferecer como potencialidade patrimonial, ou seja, o seu valor material (que neste estudo parece ser o aspecto focal de mais valia buscado pelos proponentes da ação), o simbólico (que não deixa de estar associado ao material, mas que pode adentrar a outros meios perceptivos, como no caso, uma edificação que fazia parte de um sistema de vida econômico definido por cultura açucareira no Nordeste brasileiro) e o funcional que transcende em alguns momentos a função tradicional de local de rituais religiosos da antiga família e de descanso da alma como “mausoléu” e pequeno cemitério ou lugar santo de propriedade particular.

Para um indivíduo que sofre constante ameaça de destruição cultural, a eficiente e definidora vontade de preservar sempre atuará de forma substancial, pois a perda define por si seu desaparecimento, entretanto, neste procedimento sempre se corre o risco de construir, produzir ou inventar patrimônios e, é sobre este alicerce técnico, formado por consciência e respeito ao entendimento científico da não objetificação cultural que se procederá o estudo de caso, proposto pela Justiça Federal, da *Identificação do valor que a Capela da Fazenda Ribeira projeta sobre a sociedade...ao ponto de poder ser considerado bem detentor de valor cultural*.

### **A Capela da Fazenda Ribeira**

A Capela da Fazenda Ribeira faz parte do conjunto da Fazenda Ribeira, localiza-se na zona rural do Município de Nossa Senhora do Socorro, interior do Estado de Sergipe, Nordeste brasileiro; o Município de N<sup>a</sup> S. do Socorro dista 12,8Km de Aracaju (Capital do Estado) com a qual está conurbada; tem-se acesso a Fazenda Ribeira pela rodovia BR 235, tendo como ponto de referência atual a proximidade da entrada da Fazenda Boa Luz, sentido Areia Branca e Itabaiana.

A Capela de Nossa Senhora da Luz da Ribeira que compunha junto com casas de morar, senzalas, o sítio *Quisembe* que possuía casa de caldeira, casa de farinha, pasto, casa de engenho e que se torna o Engenho Ribeira, conforme dados do IPHAN/SE (2013, p.02), foi de propriedade de Francisco de Araujo Silva, a partir de 1740, produzindo açúcar até meados de 1856. Atualmente a Fazenda Ribeira é composta por casa-sede recém construída, galpões, curral, garagem e casa de funcionários; segundo o IPHAN/SE, a Capela, único remanescente original deste conjunto, está inscrita no livro de sítios arqueológicos desde de 2007, contendo capela e cemitério (Figura 1).



Figura 1 – (Acima) – Esquerda: Entrada da Fazenda Ribeira. Direita: Vista da Capela da BR 235. (Centro) - Esquerda: Vista frontal da Capela. Centro: Fachada principal. Direita: Fachada lateral direita. (Abaixo) – Esquerda: Interior da Capela. Centro: Capela-mor. Direita: Vista geral do interior. Fonte: Eder Donizeti, jul. 2016.

Sobre a importância da implantação de conjuntos representativos de Engenhos de Açúcar no Nordeste brasileiro e o desaparecimento desta arquitetura, Gomes (2006, p. 71) comenta que as edificações não ficavam muito longe umas das outras e que não havia um padrão rígido de assentamento; apesar de Freyre (1944, p. 161) determinar certo padrão na sua caracterização. Gomes especifica que a fábrica (engenho), firmado por moenda e caldeiras, ficava sempre na parte mais baixa do terreno, próximo a força ofertada pela água; acima ficava a casa do senhor do engenho; a Capela podia estar no mesmo nível da casa grande (às vezes sobre o mesmo telhado) ou acima dela (no alto de uma cumeada), atestando seu grande valor simbólico.

Estudos de inventariação realizados em 2013 pelo IPHAN/SE apontavam que o antigo curral deveria ser a antiga fábrica do Engenho Ribeira em virtude de terem encontrado no local ruínas remanescentes desta edificação. Poderíamos portanto admitir que a posição geográfica de assentamento descrita por Gomes para os engenhos de Pernambuco revela muitas similaridades de implantação com o Engenho Ribeira; bem como, seria possível afirmar que a estrutura espacial encontrada no

assentamento deste conjunto edificado (Ribeira), especialmente a posição da Capela é percebida também nos engenhos Pernambucanos, como de Tamataúpe e Morenos.

Outra similaridade que pode ser traçada é com os engenhos de açúcar da Bahia, como o Engenho Sergipe do Conde, cuja capela denominada de Santa Quitéria foi definida como tendo uma ornamentação decente e aparelho do altar completo; estes assentamentos da Bahia podem ser vistos nos telas do artista Frans Post, que mostram a casa-grande, a capela, fábrica e casa de purgar e algumas pequenas casas de moradores (Azevedo, 1990, p. 104 a 106), esta definição de Azevedo se assemelha ao que deve ter sido o Engenho Ribeira de Sergipe.

Sobre a implantação dos engenhos em Sergipe, Loureiro (1999, p. 11) define sua posição relacionada a proximidade de rios e/ou riachos, sendo que o assentamento das edificações, como a casa-grande ficava a meia encosta, voltada para a fábrica, disposta num plano mais baixo, no fundo do vale, por onde zigzagueavam os riachos. Sobre capelas, a autora cita a de Comandaroba (feijão verde – na língua Tupi), em Laranjeiras, como uma das principais representantes da arquitetura rural religiosa no Brasil e edificada no cume de uma colina. Na descrição das edificações que constituíram os engenhos sergipanos, ela define suas características construtivas como fortemente influenciadas pelo sistema construtivo da arquitetura mineira dos séculos XVII e XVIII.

Segundo dados do IPHAN/SE (2013, p. 04), a Capela da Fazenda Ribeira foi construída na metade do século XIX, data que pode ser vista na fachada principal acima da portada (1855). Trata-se de uma capela de grande porte, apesar de não possuir torres laterais, impressiona por sua verticalidade e pela profundidade da nave principal que se estende internamente até um grande arco que define a transição para a capela-mor (Figura 2).

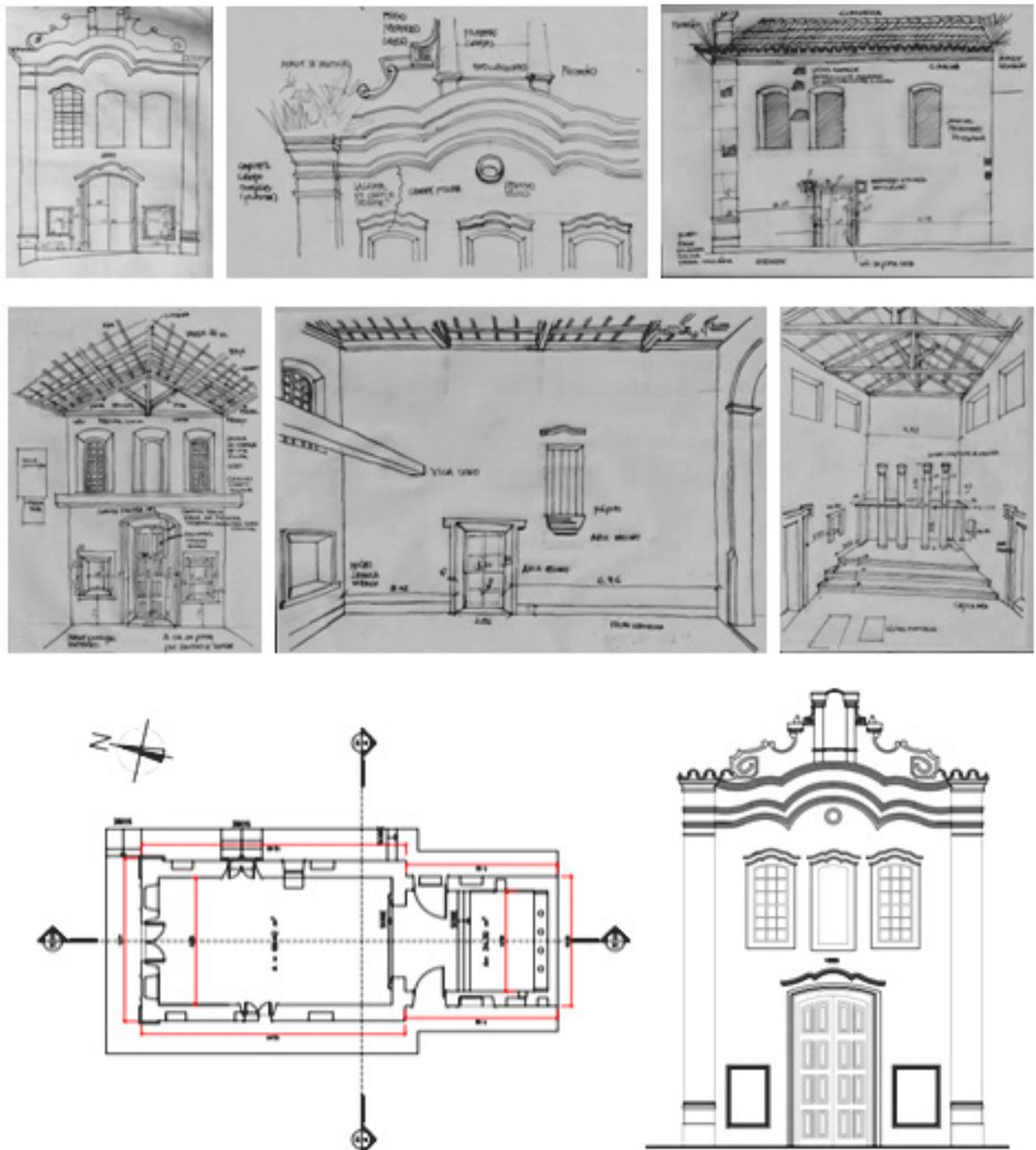


Figura 2 – (Acima) – Esquerda: Croqui estudo “*in situ*” da fachada principal. Centro: Croqui estudo da platibanda. Direita: Croqui estudo da fachada nordeste. (Centro) – Esquerda: Croqui estudo parte interna fachada principal. Centro: Croqui estudo fachada lateral esquerda interna. Direita: Croqui estudo capela-mor. Desenhos: Eder Donizeti, jul. 2016. (Abaixo) – Esquerda: Planta baixa, esc. 1:50. Direita: Fachada principal, esc. 1:50. Desenhos: Luana Oliveira, ago. 2016.

Na fachada principal, observa-se um pequeno desnível ou aterramento na base da edificação (lado esquerdo) para que ela fique perfeitamente alinhada na horizontal; existem duas grandes pilastras laterais junto a portada, com base (plinto) em pedra calcária; a porta de madeira com elementos pouco ou quase nada almofadados, com verga superior curva; acima da portada principal de grande altura há três janelas formadas por bandeiras com elementos de decoração curvados remetendo a simbologias de cangas de animais; existem duas janelas falsas no térreo (imitação das antigas capelas rurais, como a de Comandaroba em Laranjeiras) que podem ter

servido como janelas abertas, pois eram comuns nas capelas rurais, especialmente nas alpendradas.

A fachada sudeste ou lateral direita está um pouco suspensa do “rés do chão” por uma base de pedra (nivelamento) que propiciou que toda edificação ficasse horizontal ao terreno, esse nivelamento ou “embasamento ou soco” elevou a lateral direita cujo acesso se dá por alguns lances de degraus para atingir o entablamento e depois mais três lances de degraus para adentrar na nave principal, este uso de três degraus é muito simbólico, especialmente na transição da nave para a capela-mor das igrejas, pois representa a tríade: *Em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*. Nesta fachada, chama a atenção, o ornamento abaixo do cunhal de pedra do púlpito na forma de “rosto” ou “face”, denominado de máscaras e comum em igrejas na região da Bahia, Sergipe e Alagoas, onde são chamadas de carrancas.

Na fachada posterior ou fachada sul a caracterização do volume e forma confirmam a proporção um pouco menor da capela-mor em relação à nave principal; a face é totalmente lisa, sem ornamento, característica das capelas rurais coloniais. Esta parede é chamada de “oitão” ou empena; destaca-se a integridade das argamassas de revestimento (reboco), tanto na empena quanto nas outras fachadas da edificação, aparentemente compostas no seu traço por arenoso e cal; na parte superior, a cinta de cimalthas entre o telhado e a parede impressiona pela quantidade de ornatos que se estendem em linha curvada no canto externo e que dão o arremate de fechamento ao telhado possuindo característica neoclássica.

A fachada sudoeste ou lateral esquerda possui algumas diferenças em relação à abertura de janelas da fachada lateral nordeste, ou seja, na nave principal as janelas são simétricas em número de três, contudo não existe a abertura de um púlpito; o púlpito do lado esquerdo dos fiéis que se vê na fachada contrária a esta é chamado de púlpito do Evangelho ou Lado do Evangelho, outros atribuem a falta do púlpito do lado direito (vista dos fiéis) devido a Igreja ou capela não ser consagrada.

No interior da nave principal no que concerne a parede de entrada se observa, na parte superior, a estrutura simples do telhado, ou seja, tesoura comum, com pendural, asnas, tirante e perna, já o forro não mais existe; as aberturas das três janelas do frontispício principal são preenchidas por vidraça de uma folha, influência da sobriedade da caixilharia toscana (falta uma das vidraças na janela central); uma grande terça de madeira de lei de grande dimensão cobre todo o vão como se apoiasse, anteriormente, o piso do coro que não existe mais (se é que algum dia existiu), abaixo a grande porta de madeira com elementos almofadados no estilo rococó (transitando para o neoclássico) veda uma abertura de laterais chanfradas.

A parede interna lateral esquerda (vista dos fiéis) apresenta poucos elementos ornamentais interessantes, como no resto da Capela; destaca-se, nesta elevação, um púlpito com base de pedra única calcária pintada de azul escuro e assente nela uma janela ainda com fechamento em uma bandeira simples de madeira, o tamanho deste elemento parte da simetria com a verga superior da porta de entrada lateral e vai até a

altura do parapeito da janela da fachada principal; a porta de entrada lateral é simples com abertura chanfrada ao estilo colonial (este arco é denominado de oblíquo, ou seja, quando as jambas não formam ângulos retos), emoldurando a porta têm-se um requadro geométrico reto.

Na parede de transição interna entre a nave principal e a capela-mor têm-se um grande arco de meio ponto romano, de grande altura, atinge quase o limite do telhado, provocando um efeito simbólico de transição semântica nos fiéis para a parte mais sacra da edificação; trata-se de um elemento de muita importância e de difícil execução técnica, pois exige conhecimento estrutural para apoio entre o telhado e a parede acima do arco; suas ombreiras são constituídas por ornatos mais salientes que acentuam sua marcação, na base são mais largas e com pequenos chanfros curvados, no início da circunferência (nascença) apresenta a marcação por uma pedra de cornija (elemento ornamental).

A parede lateral interna, vista a direita pelos fiéis, apresenta poucos elementos de importância, nota-se a localização das janelas que foram vedadas com alvenaria (três), como na parede lateral esquerda, contudo, nesta parede a diferença entre os materiais (antigo e novo) provocaram fissuras de retração que marcam perfeitamente o local destas janelas; uma porta de entrada lateral, simétrica a da parede contrária e com os mesmos elementos ornamentais no seu entorno; convém observar, no piso da nave principal a presença de lápides tumulares (comuns em capelas e Igrejas do período colonial), entretanto a presença, no centro, de um grande túmulo feito de pedras e alvenaria apresenta uma composição espacial diferente, bem como, um monte de terra “aparentemente” contendo ossadas humanas retiradas de algum outro local (requer averiguação) e, denotam graves problemas na forma, espaço e conservação da Capela.

O espaço interno da capela-mor apresenta poucos elementos ornamentais, uma vez que não existe altar, apenas uma configuração que se pode dizer “improvisada” com quatro colunas na ordem compósita romana, de madeira, e um pequeno balcão de pedra granítica de material recente sustentado por apoios de alvenaria; ao centro do altar uma pequena imagem (material recente) de Nossa Senhora.

Na parede lateral esquerda da capela-mor (vista dos fiéis) tem-se uma pequena porta de entrada lateral com requadro geométrico estilo neoclassicista (destacam-se os meandros) e um pequeno nicho oratório de forma quadrada lembrando alguns motivos geométricos já vistos; na parede lateral direita repete-se a porta e o ornamento lateral, apenas esta tem um pequeno degrau; o nicho nesta parede tem forma e desenho totalmente diferente do da parede contrária, construído mais recentemente; no arco de transição não há por este lado nenhum ornamento, apenas a pedra de cornija se repete na parte superior antes do início do arco de meio ponto romano.

### **Estudos e registros de valor material, simbólico e funcional**

Para a identificação de valores difusos e correntes (talvez seja a principal

função de um inventário), o verdadeiro monumento se impõe por si só; AZEVEDO *apud* PESSOTI; RIBEIRO argumenta que o inventário contribui para identificar se os objetos têm significado para uma determinada comunidade ou se só são percebidos e valorizados por pessoas de fora ou quando estão em vias de serem perdidos e, que os inventários deveriam preceder aos tombamentos (2011, p. 25). Dentro dos procedimentos de inventariação, a produção de registros fotográficos ocorre inicialmente a partir de um primeiro contato real com o objeto a ser analisado, neste ato primeiro o olhar do arquiteto recai especialmente sobre os elementos arquitetônicos basilares para a compreensão e apreensão da edificação a partir de seus aspectos estéticos e técnicos.

As fotografias foram realizadas no dia 7 de julho de 2016 frente à visita técnica ao objeto e buscam captar nos elementos constitutivos da edificação a materialização de potencialidade de valor cultural material; esta metodologia procura responder à pergunta central do caso: *de onde advém o valor desta edificação?* Nesta ação de identificação cabe ressaltar que o acautelamento do bem constrói como hipótese a importância em relação ao contexto histórico da qual faz parte, no caso, a espacialidade edificada remanescente e original de antigos engenhos de açúcar (Figura 3).



Figura 3 – (Acima) – Fachada principal da edificação com elementos ornamentais compositivos. (Abaixo) – Frontão da Capela da Fazenda Ribeira. Fonte: Eder Donizeti, jul. 2016.

Para responder a hipótese, buscou-se o estudo teórico e histórico da arquitetura do açúcar, verificando as possibilidades de atribuição de valor à Capela Ribeira dentro deste universo; neste sentido, Gilberto Freyre (2002, p. 486 e 487) descreve que as edificações básicas que compunham os engenhos eram a casa-grande, a senzala, a fábrica e a capela; portanto, cabe indicar em sua obra a concepção da casa-grande do Engenho Noruega em Pernambuco, na qual a capela ficava ligada à casa-grande em uma mesma estrutura e sob o “*mesmo telhado*” sendo seu desenho (planta-baixa) formado pelo coro sobre a entrada principal, pequena nave e ao fundo o altar (capela-mor), todo esse corpo era ladeado por corredores laterais com galerias acima, sendo que na parte térrea nestes corredores ficavam os túmulos (ossuários) ligados a sacristia do lado esquerdo da edificação; sobre a sacristia, no pavimento superior, ficava o quarto do capelão.

A Capela da Fazenda Ribeira materializa nessas argumentações que a base do desenho de sua planta-baixa, ou seja, coro a frente da edificação na parte superior (comprovado pelas janelas superiores e viga de sustentação de madeira), corpo principal ou nave principal tendo ao fundo a capela-mor com tamanho mais reduzido; bem como sua pretensa sacristia, que, apesar de apresentar apenas as ruínas da fundação, formam o modelo básico orientado nas descrições de Freyre sobre as edificações de engenhos do século XVII e XVIII. Mesmo sabendo que a Capela Ribeira é de meados do século XIX e, portanto, mais recente que a concepção física desta descrição do livro *Casa-grande & senzala*, esta edificação sergipana expressa o modelo representativo da arquitetura do açúcar, ou seja, no alto da colina e não mais “geminada” à casa-grande, fato é que, independente da forma de implantação (que foram muitas), a grande simbologia deste monumento guarda a tradição cultural dos engenhos nordestinos, ou seja, a moagem da cana só se podia começar sob a benção da Igreja sendo a capela a ferramenta fundamental para este fim (Freyre, 2002, p. 488).

Em outro estudo clássico sobre a arquitetura do açúcar no Nordeste realizado por Geraldo Gomes a partir de sua tese de doutoramento na Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo em 1990, publicada em 1998, torna-se possível orientar, apreender e determinar um juízo arquitetônico frente à *Identificação do valor que a Capela da Fazenda Ribeira projeta sobre a sociedade*. Nesta obra de Gomes (2006), interessam três aspectos: a) a arquitetura dos engenhos desaparecidos; b) tipologia dos edifícios do engenho e; c) natureza e origens da arquitetura dos antigos engenhos de Pernambuco; estes três entendimentos devem e podem ser comparados a Capela da Fazenda Ribeira.

Gomes descreve a dificuldade sobre o estudo de caso evidenciando que poucos engenhos de Pernambuco chegaram até os nossos dias com todas as edificações constituintes de sua espacialidade original (2006, p. 69). O caso de estudo da Capela Nossa Senhora da Luz na Fazenda Ribeira em Sergipe se enquadra neste universo, uma vez que, a Capela é a única remanescente do antigo Engenho, pois as demais

edificações não mais existem (casa-grande, senzala e fábrica). Entre as fontes documentais usadas por Gomes (2006, p. 17) para trilhar a espacialidade arquitetônica do açúcar em Pernambuco, encontram-se as pinturas de Albert Eckhout e Frans Post; fato que em Sergipe, fontes iconográficas (documentação pictórica) requerem aprofundamento de estudos que produzam evidências mais emblemáticas sobre a constituição da arquitetura do açúcar nesta região.

Em relação aos materiais e técnicas construtivas utilizados nos engenhos de Pernambuco e descritos por Gomes (2006, p. 81), materiais semelhantes foram observados na Capela da Fazenda Ribeira, ou seja, a pedra de cantaria, os tijolos cozidos e a cal (elementos mais expressivos no erguer destas edificações), também estão presentes na constituição das paredes da Capela Sergipana. Neste contexto, Nascimento (1981, p. 17) descreve que as técnicas e materiais empregados nas igrejas sergipanas vieram com a orientação dos “Soldados” Jesuítas, como o Padre João Honorato na confecção do Altar da Igreja de N. S<sup>a</sup> do Socorro de Tomar do Geru do séc. XVII e, que as paredes eram erguidas, na sua grande maioria, em barro socado ou pau-a-pique; sendo que, os Jesuítas foram os principais construtores deste período em Sergipe (séc. XVII e XVIII).

Para alicerçar a importância histórica e teórica das capelas na arquitetura do açúcar, Gomes (2006, p. 171) classifica o desenho (planta-baixa) destas edificações de três formas: a) planta retangular, com duas águas e cumeeira com acesso por um alpendre; b) formado por dois volumes fechados, um destinado à nave e outro mais baixo, mais estreito e menos profundo, destinado à capela-mor; c) o terceiro é semelhante aos dois primeiros, no entanto, possui um terceiro volume ocupado pelo alpendre frontal em conjunto com laterais. Em consonância com esta classificação, a Capela da Fazenda Ribeira estaria caracterizada pela segunda opção de volumetria.

Sobre a origem das capelas em Pernambuco, Gomes (2006, p. 304) diz que elas não se diferenciam muito das capelas baianas e que o modelo padrão é o desenho de dois paralelepípedos formados pela nave e capela-mor; seguindo esta linha de pensamento, e sendo uma fonte de extrema importância, identificamos o livro de Esterzilda Berenstein de Azevedo, professora do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, intitulado *Arquitetura do Açúcar: Engenhos do Recôncavo Bahiano no período colonial*, publicado em 1990 e vinculado, naquela ocasião, ao Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Secretaria de Indústria e Comércio da Bahia – IPAC-SIC (1976-1982).

Neste trabalho de Azevedo nos interessa entender as implantações das edificações na “civilização” do açúcar; o espaço de morar e, especialmente, o espaço construído e representação de religiosidade do universo açucareiro – a capela; que Katinsky *apud* Azevedo (1990, p. 12) define como: “*espaços de morar e espaços de produzir mediados pela capela*”. Azevedo comenta (1990, p. 12) que os primeiros estudos sobre “*instalações de trabalho*” como engenhos de açúcar se desenvolveram a partir de 1970 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo e na Bahia

devido a seu vasto acervo de construções, sendo esta última empreitada conduzida pelo Arquiteto Paulo Ormino David de Azevedo.

Ainda Azevedo (1990, p. 28) afirma que são poucos os remanescentes da arquitetura do açúcar do século XVII na Bahia e, portanto, impossível de serem analisados *“in situ”*, sobraram algumas capelas e uma casa-grande (Engenho Cachoeira), entretanto, extremamente modificada. Para esta autora, a espacialidade dos engenhos está muito próxima ao definido por Freyre, ou seja, pela casa-grande, capela, senzala e fábrica; entre estas, a fábrica, poderia ter como força motriz, o homem, animais, água e nos engenhos, a partir do início do século XIX no Brasil, o vapor. No caso do Engenho Ribeira de Sergipe, poderíamos atribuir a força motriz da fábrica aos escravos, aos animais (muales e bois) e a água (roda-d'água), esta última devido à proximidade de implantação da fábrica (atual curral) com o riacho Madre, entretanto, acreditamos que a maior parte da força motriz neste engenho fosse humana ou animal, apesar do engenho d'água ser preferível a “almanjarras” ou “trapiches”.

Sobre o contingente humano que os engenhos abrigavam, Azevedo (1990, p. 80) descreve que os grandes engenhos contavam mais de 200 escravos e, para o funcionamento de um pequeno engenho este não deveria ter menos do que 60 escravos. A maioria dos engenhos do Recôncavo possuía mais de 100 escravos; outro dado importante apontado por Azevedo é a de que na divisão de tarefas deste contingente apenas um pequeno número de escravos, estatisticamente inexpressivo, dedicava-se a ofícios como de carpinteiros, ferreiros e pedreiros, portanto, estes aspectos também devem ter pontuado a construção da Capela da Fazenda Ribeira.

O que podemos entender nos estudos realizados por Azevedo das capelas dos séculos XVII e XVIII no Recôncavo da Bahia é que existiram muitas tipologias e algumas regras construtivas; ao se comparar com a Capela da Fazenda Ribeira, erguida já na metade do século XIX, algumas questões podem ser tratadas, como, a Capela Ribeira em sendo uma edificação dentro do período imperial (II Império) trata de uma espacialidade que respeita os andamentos das transformações impostas ao longo do tempo sobre a cultura do açúcar, mantendo a simbologia e a tradição construtiva com esta civilização; no que concerne diretamente a edificação – capela – ela segue o simbolismo religioso, assenta-se sobre a simplicidade da planta retangular formada por nave, coro, capela-mor, deixando espaço para sacristia e possíveis torres laterais; em suma, poderíamos, dizer se tratar de um exemplar que inclui todas as experiências técnicas construtivas tradicionais e as mudanças impostas ao longo dos séculos pelo universo da arquitetura do açúcar.

Em relação ao estudo dos monumentos sergipanos, o professor José Anderson Nascimento publicou no ano de 1981 o livro *Sergipe e seus Monumentos*; juntamente com a *História de Sergipe Colonial I* da professora Maria Thetis Nunes publicado em 1989 e a obra de Felisbela Freire sobre a *História Territorial de Sergipe* publicado em 1995, comportam vasto referencial de entendimento sobre lugares, cidades e edificações no Estado de Sergipe, entretanto, obras de cunho especializado em

arquitetura e em específico sobre a arquitetura dos engenhos de açúcar em Sergipe são exíguas, fato descrito pelo professor Luiz Fernando Ribeiro Soutelo na orelha do livro publicado em 1999 da autora arquiteta Kátia Afonso da Silva Loureiro, intitulado *Arquitetura Sergipana do Açúcar*.

Para descrever os engenhos de Sergipe, a autora cita 31 exemplares, nos quais dá muita preferência à análise de casas-grandes (ainda que arquitetonicamente denominadas pela arquiteta de “singelas”), das fábricas com chaminés (que já são uma característica dos engenhos do século XIX), indicando o Engenho Cedro no município de Santa Luzia do Itaim como representação incontestável de valor arquitetônico (Loureiro, 1999, p. 14); também refere-se à construção das capelas rurais relacionando-a a presença da ordem jesuíta em Sergipe, entretanto, descreve de forma muito genérica o sistema construtivo destas edificações no século XVII, apontando para uma pretensa influência das Minas Gerais, da qual acreditamos necessitar de estudos mais aprofundados, pois não se deve esquecer das amplas relações construtivas que já existiam com a Bahia e Pernambuco.

Considera-se que, relacionado ao entendimento projetado para este laudo pericial da *Identificação do valor que a Capela da Fazenda Ribeira projeta sobre a sociedade ao ponto de poder ser considerado bem detentor de valor cultural*, este breve registro histórico e teórico da arquitetura agrega uma visão conceitual e compreensão técnica sobre a perspectiva de se atribuir ou não um juízo de valor ao bem evidenciado.

### **Valores específicos da edificação**

Estes valores específicos se constroem a partir de todo o entendimento sobre a arquitetura do açúcar e do estudo do objeto de caso realizado, assim algumas indicações são produzidas sobre: a) detalhes arquitetônicos de importância nas fachadas; b) detalhes no interior da edificação; c) observação dos materiais construtivos, das técnicas construtivas e das cores; d) elementos da arquitetura que mais chamaram a atenção, tanto de forma positiva a agregar valor à dimensão patrimonial, quanto a reduzir seu potencial cultural; e) condição atual em que se encontra a edificação; f) determinação ou presença de indícios de intervenções já realizadas que, por ventura, descaracterizaram ou agregaram valor patrimonial a edificação; g) apreciação básica sobre as anomalias presentes na edificação como: umidade aparente; stress mecânico ou físico; ataque por sais; ataque biológico e vegetação.

Na fachada principal os elementos de maior importância são a portada com sua ombreira com detalhes ornamentais florais vernáculos e o frontão. No frontão se destacam dois pequenos meandros e nos vértices laterais do frontão uma leitura do mesmo elemento floral detectado nas ombreiras da portada, embora mais expressivo, ainda no frontão se percebe no seu vértice central a alegoria de um pequeno templo grego referindo a questão tumular (mausoléu); na fachada sudoeste e na fachada posterior os detalhes arquitetônicos são muito simples e a maior parte do cheio não

apresenta nenhuma questão expressiva; entretanto, na fachada nordeste se destaca, abaixo do púlpito, um elemento escultórico referente à alegoria de um rosto ou “máscara” podendo inclusive ser identificada na cultura popular como uma “carranca”, nesta mesma fachada, sobre a verga da porta lateral encontramos a repetição ornamental do tema clássico do meandro.

A parte interior da edificação, apesar de desprovida totalmente de ornamentações, apresenta alguns elementos interessantes, como o púlpito na fachada lateral esquerda (vista dos fiéis), que tem a sua base feita em pedra calcária, com um acabamento incompleto; o ponto forte da expressividade construtiva da parte interna advém de sua volumetria e espacialidade vertical, ou seja, a planta baixa tem um desenho que remete as plantas de capelas do século XVII em Pernambuco e em forma de T na Bahia, cuja concepção se faz por dois retângulos unidos, o maior referente à nave principal e o menor, mais estreito e mais baixo referente a capela-mor; ainda na parte interior, destacam-se vários túmulos que se traduzem na principal simbologia deste tipo edificado, ou seja, local de enterro do proprietário e familiares do engenho e ponto de partida para a benção produtiva do açúcar.

Os materiais utilizados para a construção da Capela Ribeira materializam as informações coletadas nos registros teóricos e históricos da arquitetura do açúcar, ou seja, a Capela foi erguida com materiais nobres (pedra e cal); sua alvenaria atinge aproximadamente 80 cm de espessura, a fundação ou baldrame é de pedra calcária cortada em blocos regulares, assim como, nas paredes se aplica o assentamento de pedras regulares a cada três fileiras; nas vergas curvadas das portas e janelas se observam o uso de alvenaria mista, ou seja, pedras e tijolos (frísios) que garantem a sustentação autoportante desses elementos; apesar do interior da alvenaria da Capela Ribeira não poder ser visto devido à integridade da argamassa de revestimento, a técnica utilizada foi semelhante a do Trapiche Santo Antônio na cidade de Laranjeiras e por todo Vale do Cotinguiba em Sergipe.

As cores empregadas são extraídas da cal, branco para o revestimento externo e amarelo ocre para o interno, as molduras de ornamentações das portas são pintadas em azul escuro (cor também utilizada nas igrejas da Bahia do século XVIII), no rodapé usa-se uma faixa de cor vermelha, que está muito associada ao encarnado que era muito usado no século XVII no Brasil e de influência indígena. As bandeiras das portas e das janelas são pintadas em azul escuro; o piso recebeu uma camada de argamassa recente que alterou sua originalidade, sendo aplicada sobre essa camada um revestimento de pigmentação vermelha, chamado popularmente de piso vermelhão (Figura 4).

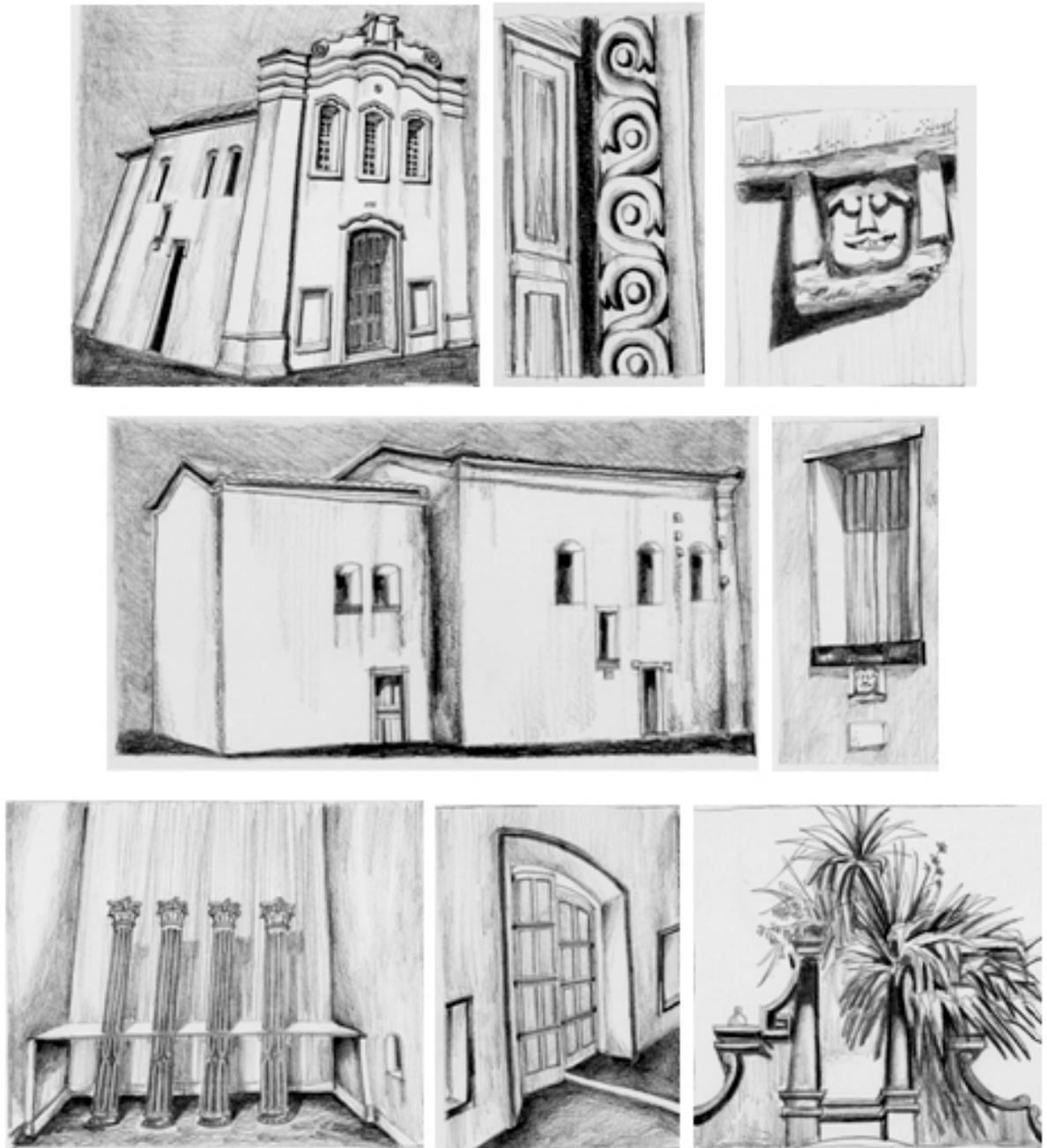


Figura 4 – (Acima) – Fachada principal. Centro: Detalhe da portada. Direita: Carranca fachada nordeste. (Centro) – Esquerda: Fachada nordeste. Direita: Porta do pulpito (externa) fachada nordeste. (Abaixo) – Esquerda Altar mor. Centro: Porta entrada lado interno: Direita: Ataque por vegetação no frontão. Estudos: Eder Donizeti; Desenhos: Adriana Nogueira, ago. 2016.

Na espacialidade da Capela Ribeira quatro elementos chamaram a atenção: o coro; o arco de transição entre a capela-mor e a nave principal; as ruínas dos alicerces da sacristia e o altar mor; esses elementos denotam não apenas potencialidades positivas, mas também pelo estado em que se encontram ou pela sua incompletude ocasionam a redução do potencial cultural material da edificação. No coro, existe uma grande verga de madeira que o apoiava e o desenho da fachada com três janelas é uma das marcas mais importantes das igrejas do século XIX, entretanto, ao mesmo tempo que isso é positivo, a não integralidade desta peça é um aspecto negativo para o potencial patrimonial; nesta mesma linha de pensamento se enquadram a sacristia e o altar mor, ou seja, se essa Capela tivesse a sacristia e o altar mor íntegros, a

dimensão do valor cultural arquitetônico seria indiscutível; no caso do arco de transição entre a capela-mor e a nave principal, este elemento é um dos de maior importância na construção de seu valor patrimonial.

A Capela Ribeira encontra-se em péssimo estado de conservação, existem inúmeros problemas estruturais; muitas telhas quebradas, tanto na capela-mor quanto na nave principal; na parte de trás da Capela, o cemitério já não tem espaço para mais enterros, bem como no interior da Capela há sujeira e fezes de animais encontradas por toda parte; os túmulos internos necessitam manutenção, bem como, a existência de um monte de terra na nave principal com aparentes ossadas humanas, condição que necessita de averiguações; não existem instalações hidráulicas; as instalações elétricas estão em estado ruim de conservação; o acesso à Capela é muito difícil, com a edificação cercada por arame farpado.

Uma das intervenções destrutivas mais evidentes foram os fechamentos (vedações) com alvenaria das janelas das laterais da edificação, bem como o argamassar do piso de pedra com o uso de pigmento vermelho sobre ele; outra questão é a provável colocação de um túmulo muito grande no centro da nave principal, fato em desarmonia com este tipo de edificação, uma vez que, apesar de serem comuns os enterros na parte interna destas capelas rurais e na parte posterior externa da edificação, este túmulo apresenta tamanho e forma incompatíveis com esta arquitetura.

Ocorrem muitas anomalias na edificação, a mais comum é a umidade descendente que pode ser verificada por todo o interior da Capela; como a Capela fica numa região de proximidade com o mar é comum que a salinidade também entre em contato com os materiais da edificação; o que mais ocorre nas paredes é o ataque de fungos, líquens e bactérias que tornam as superfícies parietais esverdeadas; entretanto, dois ataques patológicos são muito expressivos: fissuras muito graves sobre a portada principal e em uma das janelas laterais da fachada principal e o ataque de vegetação aérea comprometendo o telhado e a alvenaria de pedra.

## Considerações finais

Frente à análise, apreensão e compreensão de todas as características teóricas, históricas e técnicas que envolvem objetos que compõem a arquitetura do açúcar e, em específico, a Capela da Fazenda Ribeira como única edificação remanescente deste engenho sergipano do século XIX; portadora de características técnicas construtivas expressivas do saber fazer local e possuidora de espacialidade arquitetural de grande significação, entendemos que o objeto em causa é detentor de juízo de valor, pois projeta sobre a sociedade e para futuras gerações a possibilidade de fruição de sua identidade cultural material; portanto, o parecer técnico conclusivo, salvo melhor juízo, é favorável ao acautelamento do bem frente às prerrogativas e instruções previstas no processo N<sup>o</sup> 0000449-36.2013.4.05.8500 da 10 Vara/SE. MAN.0001.000413-8/2015.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. **Arquitetura do Açúcar**. São Paulo: Nobel, 1990.

**Bens Móveis e Imóveis** Inscritos nos Livros do Tombo do Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 4 ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994.

FREIRE, Felisbelo. **História Territorial de Sergipe**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe/Secretaria do Estado da Cultura/FUNDEPAH, 1995.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 46 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOMES, Geraldo. **Engenho e Arquitetura**. Recife: FUNDAJ; Ed. Massangana, 2006.

KOCH, Wilfried. **Dicionário dos estilos Arquitetônicos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOUREIRO, Kátia Afonso da Silva. **Arquitetura Sergipana do Açúcar**. Aracaju: FUNCAJU, 1999.

NASCIMENTO, José Anderson. **Sergipe e seus Monumentos**. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 1981.

NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Colonial I**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

**Parecer Técnico nº. 96/2013**. Assunto: *Avaliação do Valor Cultural da Capela da Fazenda Ribeira*. IPHAN/SE, julho de 2013.

PESSOTI, Luciene; RIBEIRO, Nelson Porto (org). **A Construção da Cidade Portuguesa na América**. Rio de Janeiro: PoD, 2011.

VASCONCELLOS, Silvio. **Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos**. Belo Horizonte: UFMG, 1979.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arborização urbana 144, 145, 156, 161, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 179, 180, 181, 207

Arquitetura brasileira 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 63, 64, 65

Arquitetura contemporânea 13, 14, 37, 45, 63, 68

Arquitetura moderna 6, 37, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 57, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69

### C

Centro cultural 70, 72, 73, 74, 76, 77, 80

Cidades verdes 212

Conforto ambiental 7, 200, 202, 203, 207, 213, 222

Conservação 61, 62, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 110, 118, 167, 171, 176

### D

Desenho urbano 136, 140, 159, 225

Direito à moradia 191, 192, 193, 197, 198, 199

Diversidade urbana 147, 151, 157

### E

Espaço público 53, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 153, 154, 156

### G

Grandes projetos urbanos 82, 83, 84, 87, 91

### I

Infraestrutura 18, 27, 31, 49, 51, 52, 73, 80, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 123, 129, 130, 131, 132, 138, 140, 170, 174, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 189, 192, 193, 196

### M

Metodologia de ensino 1

Mobilidade urbana 18, 31, 90, 164, 182, 183, 184, 185, 187, 189, 190

### N

Neurbanism 82

## P

Patrimônio 62, 74, 77, 93, 94, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 119, 125, 130, 168, 171, 180, 193, 225

Pesquisa 1, 3, 4, 5, 10, 11, 13, 35, 39, 52, 55, 56, 62, 65, 76, 83, 91, 94, 128, 142, 151, 167, 169, 172, 173, 174, 177, 179, 181, 182, 186, 187, 189, 197, 198, 203, 204, 212, 214, 215, 222, 223, 224

Planejamento urbano 91, 130, 146, 151, 152, 157, 159, 163, 169, 170, 180, 182, 183, 184, 189, 199, 202, 225

Práticas sociais 54, 71, 147, 151, 152, 153

Preservação 12, 14, 21, 26, 27, 30, 41, 51, 93, 94, 96, 99, 100, 101, 102, 103, 125, 130, 131, 165, 172, 180, 181, 205, 207, 225

Projeto 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 21, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 45, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 99, 102, 103, 124, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 150, 175, 176, 183, 186, 188, 189, 192, 196, 197, 198, 206, 211, 213, 214, 221, 222, 224, 225

## Q

Qualidade urbana 136, 141, 180

## R

Requalificação urbana 136, 139, 147, 148, 155, 183

## U

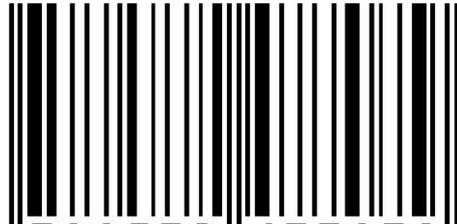
Urbanismo 1, 2, 4, 8, 10, 12, 13, 40, 43, 45, 47, 50, 55, 56, 57, 70, 81, 104, 113, 136, 140, 146, 147, 154, 159, 176, 181, 182, 191, 200, 201, 210, 225

Urbanismo sustentável 200

## V

Vida pública 147, 151, 153, 154, 155, 156, 157

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-707-9



9 788572 477079